

ESLEY RODRIGUES DE JESUS
Aspirante (FN)

SUMÁRIO

A retirada francesa
A retirada alemã
Conclusões

No ano de 1812, Napoleão Bonaparte, o Imperador dos Franceses, empreende a maior de suas campanhas. Atemorizando todo o mundo com a potência de seu Grande Exército, o “Pequeno Cabo” avança pelas estepes russas, tendo passado antes por todas as magníficas paisagens europeias que agora compreendiam todo o vasto império criado pela força dos passos de seus soldados e a imponência de seus canhões. Tendo por base de seu poder a velocidade de ataque, a surpresa nas ações e as grandes táticas de guerra de um general de sua envergadura, Napoleão pretende chegar pri-

meiro a Moscou, rumando, mais tarde, em direção noroeste, para São Petersburgo, onde, refugiado, se encontra o czar.

Cerca de 130 anos após o avanço napoleônico contra as forças czaristas, Adolf Hitler, o grande líder da Alemanha nazista, resolve que já era hora de empreender seu mais esperado projeto de expansão, abrindo mais uma frente de batalha a leste. Quebrando todos os acordos de não agressão entre germanos e soviéticos balizados pelo pacto Motolov-Ribbentrop, o Führer tem por objetivo empreender uma tática parecida com a utilizada contra os territórios france-

* Publicado na *Revista Villegagnon* de 2009, p. 116-120.



Napoleão quanto Hitler sabiam das dificuldades inerentes à empresa da campanha russa. Entretanto, em seu desejo imperialista de expansão territorial, não perceberam que, ao invadirem o território russo, cometiam o mesmo erro de Alexandre Magno: um grande território, que passou a representar seu principal inimigo.

Um inimigo que, independentemente da potência com que se ataque, jamais poderá ser vencido, a não ser por uma grande frente de logística e planejamento disciplinados, o que, em ambos os casos, inexistiu.

ses em 1940. A partir da mobilidade de suas divisões Panzer, o que garantiria ao seu avanço maior concentração e constante manutenção da ofensiva e da exploração, consegue destruir as primeiras defesas na fronteira russa, acabando com os exércitos soviéticos com o uso de suas mais poderosas peças de manobra. Seu principal objetivo é atingir os campos de petróleo do Cáucaso, alcançando, mais tarde, o oriente próximo pelo norte, reassumindo, assim, o controle estratégico do teatro do Mediterrâneo, em especial no norte da África e do Mediterrâneo Oriental, alcançando o Canal de Suez, o que possibilitaria uma junção com a esquadra nipônica no Índico.

Apesar da distância temporal, os dois grandes líderes político-militares cometeram erros graves que foram precípuos na determinação das duas invasões. Tanto Alexandre quanto Stalin, servindo-se do exemplo de Alexander Nevsky (herói russo de meados do século XIII, que conseguiu expulsar um grande exército de invasores suecos e germânicos), baseando em defesas estratégicas sua força de ataque principal, conseguiram a vitória, após bom tempo de escaramuças em seu próprio território, avançando, mais tarde, rapidamente, em direção ao território de seus respectivos inimigos. Tanto

A RETIRADA FRANCESA

As condições em que a França resolveu invadir a Rússia são bastante diversificadas. Alguns historiadores acreditam que o fato de a Rússia dos Romanov ter um exército bem numeroso e um grande território intransponível representava grande ameaça ao exército napoleônico. Contudo, a desobediência dos russos quanto às imposições de Napoleão em relação ao bloqueio continental à Inglaterra, aliada ao não apoio dos russos à campanha de Madri ou ao alinhamento de Alexandre às ideias de Talleyrand (que pregava a manutenção de um balanço de poder da Europa, com o retorno das fronteiras de 1804 e a dissolução das esferas de influência de Napoleão), também se apresenta, com grande probabilidade, como bons motivos para a invasão. Há historiadores que não descartam ter Napoleão caído na tentação de ajudar sua amante preferida, a Condessa de Walewski, em apoiar a emancipação política do reino da Polônia, entrando em uma

guerra com os russos por um território que, durante séculos a fio, representou a pedra de tropeço entre franceses e russos e, depois, entre estes e alemães. Acima de tudo, Napoleão pretendia possuir a supremacia estratégica da Europa. Em 1808, após a Batalha de Eylau, o Imperador dos Franceses e o Czar de Todos os Russos realizaram, às margens do Rio Tilsit, o famoso tratado que dividia a Europa em duas grandes esferas de influência. A oeste do Tilsit ficariam os franceses, e a leste, os russos. Este rio, que cruza a Polônia, representaria o que a linha Maginot representou entre franceses e alemães: uma mera formalidade de mapas que separavam duas nações beligerantes e antagonônicas. A paz entre Napoleão e os Romanov estava por um fio e veio a ruir após o fim do acordo entre eles, após dias de conferência entre os dois chefes de Estado em São Petersburgo. Neste encontro, salientaremos a atuação de Talleyrand e Fouché, dois ministros de Napoleão que não aceitavam a política expansionista francesa, notoriamente o primeiro, e que, no fim das contas, ajudaram a frustrar as ambições de Bonaparte.

Em abril de 1812, cerca de 690 mil soldados foram agrupados sob o comando de Napoleão. Desta vez, o Grand Armée era composto por diversas nacionalidades. Nações que, três anos mais tarde, colocariam uma pedra sobre o poder de Napoleão após a derrota em Waterloo. A caminhada até o território russo, não obstante extremamente cansativa, representava mais uma provação aos exércitos napoleônicos. Muitos soldados não mais acreditavam na causa de Bonaparte de expansão dos ideais revolucionários. Dife-

rentemente do moral encontrado entre as tropas francesas em Rivolli e Austerlitz, a expansão territorial representava algo muito menos nobre do que a defesa da França.

Como uma característica do Grand Armée, a alta velocidade do deslocamento colocava em xeque o apoio logístico e o raio de ação dos soldados. O remuniciamento era feito nas cidades em que o exército conseguia chegar, com ou sem retaliações do exército russo, além dos carros de abastecimento que cada batalhão possuía. Mas este era o menor dos problemas enfrentados pelos oficiais do Grand Armée. A “Terra Arrasada”, tática que consistia em destruir tudo o que poderia ser usado pelos inimigos, foi amplamente utilizada pelos cossacos. Além disso, houve diversas batalhas em território russo, certamente causando grande desgaste das tropas napoleônicas, que continuavam a penetrar nas estepes. Percebamos, desta forma, que a campanha russa foi coroada pela falta de planejamento logístico. Tanto os exércitos franceses quanto os demais “aliados” de Napoleão careciam de itens básicos, como peças de roupa, munição, canhões, cavalos (que passaram a ser refeição nos momentos mais críticos) e armamento. Ao chegarem aos limites de Mos-



cou, a cidade já denotava estar abandonada. O Kremlin, ao fundo, representava o fim da jornada de ida, o que não confortava muito os cansados soldados franceses, que já pensavam no percurso de volta. Napoleão resolveu passar a noite nos aposentos de Alexandre. Noite esta que não veio a durar muito, já que teve de começar uma retirada às pressas, com o intuito de tentar salvar o máximo possível de suas tropas, alarmadas graças às explosões perpetradas nos prédios de Moscou. A saída desordenada foi crucial na queda de confiança do exército. Além do retorno pelas estepes congeladas, verdadeiros desertos de gelo e fome, sofrendo constantes assaltos da cavalaria dos cossacos, Napoleão enfrentava, em cada cidade que chegava, a frustração de encontrar somente casas vazias, plantações e aldeias incendiadas e edificações, que poderiam ser utilizadas como abrigo contra o frio, destruídas, como foi o famoso ocorrido na aldeia de Vilnius, onde dezenas de soldados franceses foram enterrados em uma vala comum. O inverno rigoroso deu conta do resto do moral, já bastante destruído, do Grand Armée. Menos de 7% dos soldados conseguiram voltar para casa.

A RETIRADA ALEMÃ

A exemplo dos franceses, os alemães também haviam feito acordos de paz com os rusos antes da invasão. Ao assinar o tratado de não agressão germano-soviético, Hitler permitia aos seus generais total controle da situação no teatro de operações ocidental e do Mediterrâneo, enquanto mantinha uma paz relativa a oeste. Uma guerra com a Rússia Soviética, apesar de

sempre ter estado em sua pauta, teve de ser adiada devido ao prolongamento dos conflitos no Atlântico e na Batalha da Inglaterra. Além disso, os italianos precisavam de ajuda no Mediterrâneo e norte da África; o pacto entre Japão e União Soviética de não agressão também limitava o conflito em uma frente, o que poderia causar grandes problemas aos alemães. Mesmo assim, em 22 de junho de 1941, sem nenhum aviso formal de guerra, as cercas de arame farpado entre as esferas de influência soviética e nazista em território polonês foram retiradas, e um apático Stalin observou, atônito, a invasão dos *panzers* em território soviético. Mesmo assim, o primeiro-secretário do Partido continuou sem acreditar que o Führer houvesse desonrado suas palavras. Em alguns meses, as divisões de tanques nazistas já chegavam ao sudoeste de Moscou.

A guerra com a Rússia Soviética chegou às cercanias da cidade de Stalin, depois de percebida a impossibilidade de queda de Moscou. Após a queda das ofensivas nazistas (que começavam a sentir as



desastrosas consequências de uma guerra longe de casa aliada a tão grande deficiência logística), os russos começaram a compreender o que estava ocorrendo. Boa parte da Rússia europeia já se encontrava subjugada pelo domínio nazista; os *U-Boots* de Döenitz haviam garantido a supremacia alemã nas áreas do Mar do Norte acima de Noruega e Suécia, o que impedia o avanço da Marinha Vermelha, cuja carga principal concentrava-se em Murmansk e Archangelsk, até os portos quentes da Dinamarca e das Repúblicas Bálticas; boa parte do Exército Vermelho estava agora na linha de frente, sem, contudo, possuir os meios principais para opor-se à ofensiva no estilo da Blitz nazista, como tanques e boa carga de artilharia; e, acima de tudo, grande parte do povo da União Soviética habitante da área já invadida mostrava simpatia pelos invasores, em especial por constituírem uma alternativa ao stalinismo dos expurgos, a exemplo do povo da Ucrânia, que via os soviéticos como invasores. Para Stalin, a oposição dos russos que se alinharam aos alemães e da Ucrânia foi uma punhalada nas costas mais forte do que aquela dada por Hitler em junho de 1941. Talvez isso tenha motivado a transferência dos prisioneiros de guerra russos dos campos nazistas para os campos russos, vistos como traidores como qualquer desertor – sentimento que se estendeu, inclusive, ao seu próprio filho.

Feito o balanço dos meios, a indústria bélica da União Soviética pôs-se a toda força. No final de 1941, o comissário político do *front* de Stalingrado, Nikita Sergeyeovich Krushev, já dava ordens, muitas vezes suicidas, a seus generais, que deviam “defender a todo custo a cidade de nosso grande líder. É muito mais que uma cidade, é um símbolo!” Cabe aqui tentar ilustrar a situação que era apresentada aos soldados que chegavam a Stalingrado. Os trens os de-

sembarcavam na margem oriental do Rio Volga, que corta a cidade. Eram passados através de várias embarcações (desde balsas até escaleres a remo, jangadas e barcas) para a margem ocidental, onde recebiam, em conjunto de dois ou três, uma carabina e munição. Depois disso, eram dispostos em fila e obrigados, pelas metralhadoras dos próprios oficiais, a avançar desordenadamente pela terra de ninguém. Stalingrado transformou-se em um bando de escombros. Toda a cidade ruiu rapidamente pelos *raids* aéreos dos bombardeiros nazistas. Ou seja, os soldados que conseguiam atravessar o rio, alvo constante das baterias de artilharia alemãs, ainda tinham de enfrentar missões suicidas, ou morreriam pelos bombardeios nazistas, ou pelas metralhadoras de seus compatriotas.

Provavelmente, a principal diferença entre a invasão francesa e a alemã tenha sido o fato de que, na primeira, o grande comandante em chefe estava presente no teatro de operações. Hitler, bem guardado e aconchegado em sua toca do lobo, ouvia atentamente os avanços do *general der panzertruppe* Friedrich Wilhelm Ernst Paulus (que mais tarde, às vésperas da rendição, seria promovido a *generalfeldmarschall*, com a esperança do Führer de vê-lo suicidar-se em nome do Reich), comandante do 6º Exército e encarregado da ofensiva na frente leste, soltando, de tempos em tempos, ordens pouco importantes de cunho estratégico, não levando em conta aspectos táticos primordiais do combate, a chegada do inverno e a falta de matéria-prima para o ressuprimento de combustível e comida de seu exército. O imediato no comando de Von Paulus, o *generalleutnant* Alexander Edler von Daniel, já sabia que o fim do 6º Exército viria com o inverno, por meio da observância da crescente escassez em que eram dispostos os ressuprimentos pela debilitada e já derrotada Luftwaffe, cuja

carga de Stalingrado estava sob o comando de Wolfram von Richthofen, sobrinho do lendário Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho. Como faria, cerca de quatro anos mais tarde, o Führer movia divisões inexistentes, fazia cálculos impossíveis e impunha metas em dissonância com a situação econômica apresentada pelo Reich, o que, de certa forma, mantinha o princípio da ofensiva, não levando em conta o de concentração, economia de meios, moral e segurança. Nisso também está uma grande diferença na formação desses dois líderes. Hitler foi cabo do Exército, um conscrito, diferentemente de Napoleão, que teve a formação estratégica de um oficial de Exército francês, à época o maior e mais bem adestrado do mundo. Apesar da formação mista de ambos os exércitos (Hitler também possuía suas tropas estrangeiras, não aceitando, mesmo quando a situação já era desesperadora, “raças inferiores” e mulheres, o que não ocorria nas tropas soviéticas, com soldados de todas as repúblicas do bloco, além de senhoritas), a motivação de defesa dos soviéticos era muito mais latente que a expansão imperialista de Hitler. Junte-se a isso o fato de ter o Exército um baixo índice de aceitação das ideias políticas do nazismo, diferentemente da Kriegsmarine e da Luftwaffe. Como estratégia soviética para motivar seus soldados, eram amplamente divulgados cartazes em que figuravam nazistas violando suas esposas e filhas, ou soldados mutilados utilizando suas armas. Também foi muito importante a promoção de feitos heroicos, inclusive a criação do prêmio de Herói da União Soviética.

A ofensiva do Exército Vermelho veio assim que as tropas conseguiram atravessar o Volga, valendo-se de nevoeiros que impediam o reconhecimento avançado dos caças da Luftwaffe, partindo para o cerco pelos dois flancos do desprotegido exército de Von Paulus. A falta de comunicação

efetiva com o quartel-general do Führer facilitou em muito a ofensiva russa, que veio a obter êxito assim que passou pelo norte do Rio Don, fechando o cerco do 6º Exército. Diferentemente da cavalaria russa que acabou com os franceses nas estepes congeladas, o que fustigava os alemães eram a artilharia soviética, os foguetes antitanque e as investidas intermitentes das divisões de tanques T-34, bem maiores e mais poderosas que os *panzers*. A temperatura, que chegava a 30º negativos, já havia congelado boa parte dos suprimentos e víveres. A infestação de piolhos e insetos, bem como a invasão de ratos, que roíam a fiação dos tanques, impediram qualquer contra-ataque por parte dos alemães. A mensagem de Hitler, que obrigava os soldados a lutarem até a penúltima bala, denotava a vontade do Führer de transformar Stalingrado em uma vitória política, como sendo o marco final do avanço do Reich. Contudo, a Batalha de Stalingrado significou o início de sua queda.

CONCLUSÕES

Os episódios narrados demonstram dois principais princípios da guerra, que muitas vezes são desprezados, em especial pelos militares que se encontram como líderes de fração na linha de frente do combate, tendo como meta principal alcançar o objetivo a todo custo: o moral do combatente e a economia de meios, representada pela logística necessária. Tanto franceses como alemães possuíam, sobre seu oponente, a superioridade tecnológica e estratégica da situação. No caso do Grand Armée, possuía o maior general de sua era (e, bem provável, de todos os tempos) e, conseqüentemente, as melhores táticas de batalha. Os nazistas tinham os *panzers* e a vantagem da surpresa e da manobrabilidade do ataque. Fatores que, duplamente, seus respectivos lí-



deres ignoravam como determinantes do desfecho do combate.

A Retirada de Moscou em 1812 e a Batalha de Stalingrado em 1943 mudaram consideravelmente o desfecho dos dois momentos conturbados na história do mundo. Tanto Alexandre quanto Stalin, ao rechaçarem seus inimigos invasores, talvez não pensassem que suas ações ecoariam tão longe no futuro. Certamente perceberam que suas vitórias refletiriam em maior poder para seus respectivos impérios. “O triunfo dos russos

sobre Napoleão confirmou e ampliou o *status* da Rússia como grande potência europeia – condição já existente em 1812 e que prevaleceu por mais um século, até 1917. O triunfo de Stalin sobre Hitler transformou-a na potência dominante da Europa oriental e numa das duas superpotências mundiais – mas essa situação, principal causa da chamada Guerra Fria, durou menos de meio século, até 1989” (LUKACS, 2007). Mesmo assim, manteve-se invicta a nação que, desde Alexander Nevsky, mantém intactas suas fronteiras.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Guerra terrestre; História da França; História da Alemanha; História da Rússia;

BIBLIOGRAFIA

- BEEVOR, Antony. *Stalingrado: o cerco fatal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
 BRAITHWAITE, Rodric. *Moscou 1941*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
 ENGLUND, Steven. *Napoleão: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
 LUKACS, John. *Junho de 1941: Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.